

Estudo de Verbos no Jogo da Linguagem: um Olhar Funcionalista

Aline M. Oliveira¹, Carmelita M. da S. Amorim², Lúcia H. P. da Rocha² e Sabrina P. Ferraz²

¹Eames/Saberes 1, Vitória, Espírito Santo, 29052-210, Brasil

²UFES 2, Vitória, Espírito Santo, 29075-910, Brasil

alinemoraesoliveira@ymail.com, carmel_msa@yahoo.com.br, lhpr@terra.com.br,
sabrinatassan@superig.com.br

RESUMO

A noção de matriz verbal evocada por Ilari e Basso (2008, p. 164) evidencia que, “preenchendo adequadamente certos espaços que são previsíveis a partir do verbo, chega-se a sentenças completas, que caracterizam conceitualmente certos estados de coisas”. Neste artigo, descreveremos os verbos: *adotar*, *adquirir*, *comprar*, *emprestar*, *ganhar*, *receber* e *vender*. O *corpus* constitui-se de textos da Revista Veja coletados do *site* eletrônico e de outros textos disponíveis em meio eletrônico. A análise terá como aporte teórico noções do Funcionalismo e de Valências. O resultado desta pesquisa pode, dentre outras coisas, contribuir para a melhoria do ensino da Língua Portuguesa.

0 INTRODUÇÃO

Todo verbo proporciona um “molde” ou uma “matriz” para a construção de sentenças. A ideia de matriz evocada por Ilari e Basso (2008, p. 164) põe em evidência o fato de que, “preenchendo adequadamente certos espaços que são previsíveis a partir do verbo, chega-se a sentenças completas, que caracterizam conceitualmente certos estados de coisas”. É nosso objetivo descrever, a partir do uso real da Língua Portuguesa, verbos tais como: *adotar*, *adquirir*, *comprar*, *emprestar*, *ganhar*, *receber* e *vender*.

O *corpus* constitui-se de textos de circulação social e o levantamento dos dados foi realizado a partir da utilização de ferramentas de pesquisa *online*. A análise do *corpus* tem como aporte teórico o Funcionalismo Linguístico (GIVÓN, 1995), mais especificamente as noções de Transitividade (HOPPER; THOMPSON, 1980) e de Estrutura Argumental (THOMPSON; HOPPER, 2001), e a Teoria de Valências (BORBA, 1996). Este trabalho se justifica na medida em que, ao analisar o verbo em funcionamento na sentença, no discurso e na interação, embora seja uma tarefa mais complexa do que sugerem as explicações tradicionais, é possível evidenciar as variadas e heterogêneas relações semânticas estabelecidas entre os complementos e o sujeito. O resultado de nossa pesquisa pode contribuir para a melhoria do ensino da Língua Portuguesa, uma vez que evidencia um estudo que tem como ponto de partida a língua em uso, ultrapassando a proposição dos manuais de gramática.

1 O FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO

A linguística funcional desenvolvida principalmente por Givón, Hopper; Thompson, Chafe, entre outros, defende que o estudo de fenômenos linguísticos deve-se dar dentro do contexto de uso e que a língua deve ser observada do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística. É nessa perspectiva que os funcionalistas entendem que a língua é usada, sobretudo, para satisfazer necessidades comunicativas. Por isso, postulam que a língua é uma estrutura maleável, sujeita às pressões de uso e constituída de um código parcialmente arbitrário. Dessa

forma, a gramática é entendida como um “sistema adaptativo” (DU BOIS, 1985), “uma estrutura maleável” (BOLINGER, 1977) e “emergente” (HOPPER, 1987), que se encontra num processo contínuo de variação e mudança para atender a necessidades cognitivas e/ou interacionais de seus usuários. Parte-se, pois, do princípio de que a gramática de uma língua natural é dinâmica adaptando-se a pressões internas e externas ao sistema linguístico, que continuamente interagem e se confrontam (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2007, p. 17).

1.1 A Transitividade

A transitividade da forma como está consignada em manuais de gramática e também em dicionários de língua portuguesa está longe de permitir uma compreensão satisfatória do fenômeno. Há gramáticos que adotam o conceito latino de transitividade, em que *transitivus* é o “que vai além, que se transmite”, e arrolam como exemplo verbos considerados transitivos indiretos pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Outros apresentam listas de verbos, considerando-os intransitivos. Advogamos no sentido de que os verbos, quanto a sua transitividade, devem ser analisados dentro do contexto em que estão inseridos. Considerar, aprioristicamente, que *chorar* é um verbo intransitivo se configura um problema, visto que, na sentença, “O comendador de Bituruna chorou lágrimas de crocodilo”, o verbo transita, ou seja, funciona como transitivo direto, ainda que em condições específicas.

Diferentemente dessa abordagem, o funcionalismo linguístico concebe a transitividade não como uma propriedade categórica do verbo, mas como uma propriedade contínua da oração como um todo. Nessa perspectiva, origina-se a gramática da oração – ambiência em que as relações entre o verbo e o(s) seu(s) argumento(s) podem ser observadas. No funcionalismo, a transitividade apresenta um componente semântico e um componente sintático. Uma oração transitiva descreve um evento que potencialmente envolve pelo menos dois participantes, um agente que é responsável pela ação, codificado sintaticamente como sujeito, e um paciente que é afetado por essa ação, codificado sintaticamente como objeto direto. Esses participantes são chamados de argumentos do

verbo. Do ponto de vista semântico, o evento transitivo prototípico é definido pelas propriedades do agente, do paciente e do verbo envolvidos na oração que codifica esse evento. Em princípio, a delimitação das propriedades desses três elementos é uma questão de grau. Do ponto de vista sintático, todas as orações – e verbos – que têm objeto direto são transitivas, as que não o têm são intransitivas (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2007, p. 29).

Hopper e Thompson (1980) defendem a transitividade como uma noção contínua, escalar, não categórica, na qual o sujeito, o verbo e o objeto configuram-se os três elementos necessários para que uma oração seja transitiva. Para os autores, a transitividade deve ser concebida como um complexo de dez parâmetros sintático-semânticos independentes (participantes, cínese, aspecto e pontualidade verbal, intencionalidade e agentividade do sujeito, polaridade e modalidade da oração, afetamento e individualização do objeto), que focalizam diferentes ângulos da transferência da ação em uma porção diferente da oração. Embora independentes, os dez traços de transitividade funcionam juntos e articulados, o que significa que nenhum deles sozinho é suficiente para determinar a transitividade de uma oração.

1.2 Estrutura Argumental

A ‘estrutura argumental’ é entendida na linguística contemporânea como se referindo à ideia de que os predicados são listados no léxico juntamente com seus *frames* que especificam quais argumentos são obrigatórios e quais são opcionais. Thompson e Hopper (2001, p. 40) asseguram que as discussões que têm sido empreendidas a respeito da estrutura argumental, em geral, são baseadas em exemplos fabricados, em vez da utilização de *corpora* da fala normal diária. Os autores acrescentam que a noção de valência, definida por Croft (1991, p. 99) como ‘relacionalmente inerente’, é extremamente relevante para as discussões relacionadas à estrutura argumental.

Payne (1997, p. 169-70; apud THOMPSON; HOPPER, 2001, p. 40-41) considera dois tipos de valência, a saber: a semântica e a sintática. A valência semântica diz respeito ao número de participantes que deve estar ‘no palco’, na cena expressa pelo verbo. Segundo o autor, o verbo *eat/comer*, tem valência semântica dois, se houver ‘alguém que coma’ e a ‘coisa comida’. A valência sintática refere-se ao número de argumentos presentes em qualquer cláusula dada. O verbo *eat/comer* pode ter uma valência sintática de um ou dois argumentos, de modo que ‘em você já comeu, o único argumento é a pessoa que come’.

Assim, a valência é a relação entre o verbo e os constituintes obrigatórios na organização da oração. Nessa perspectiva, além dos complementos tradicionais (Objetos), incluem-se os chamados complementos circunstanciais (de tempo, lugar, etc.) e o próprio Sujeito.

Para Borba (1996, p. 46-57), a valência pode ser subdividida nos seguintes tipos: (i) valência quantitativa – refere-se ao número de argumentos necessários a preencherem as “casas vazias” do verbo – em português, a valência vai de zero a quatro; (ii) valência sintática: refere-se à natureza morfossintática dos elementos que constituem os argumentos; (iii) valência semântica – refere-se ao fato de que das propriedades semânticas dos verbos decorrem os papéis semânticos e traços que caracterizam os argumentos. Por exemplo, um verbo como *galgar* seleciona um sujeito **Agente** (+animado, +humano) e um complemento de **lugar**: *O alpinista galgou a montanha em*

poucas horas. Furtado da Cunha e Souza (2006, p. 117), citando Comrie (1981), acrescentam aos três tipos de valência – a pragmática. A valência pragmática trata dos diferentes modos em que essencialmente a mesma informação, ou o mesmo conteúdo semântico, pode ser estruturado de maneiras diferentes a fim de refletir o fluxo de informação velha ou nova. As autoras observam também que os verbos e suas estruturas argumentais, como tantos elementos na gramática, são multifuncionais, uma vez que são capazes de servir simultaneamente a funções sintáticas, semânticas e pragmáticas.

2 A TEORIA DE VALÊNCIAS

A teoria de valências funda-se no pressuposto de que o verbo é o elemento central da oração. Segundo Tesnière (1969), o princípio de centralidade do verbo justifica-se na medida em que é o verbo que determina a estrutura base da oração, tanto no nível morfossintático, quanto semântico. Atribuir ao verbo a posição central da estrutura frasal implica dizer que há uma regência por parte do verbo que estabelece relações de dependência com os seus regentes (sujeito: actante de primeiro grau; objeto direto: actante de segundo grau; objeto indireto: actante de terceiro grau). Essa rede de relações estabelecida pelo verbo com seus actantes é o que se denomina valência verbal.

Para Borba (1996, p. 75), a valência atinge diretamente o que se pode chamar de verbos plenos, ou seja, verbos que semanticamente têm significação lexical e que sintaticamente ocupam o núcleo do predicado do sintagma verbal.

A valência é a propriedade que tem uma classe de elementos de poder ligar-se com classes específicas de outros elementos, sendo que essa mesma classe se distingue de outras de mesmo nível sintagmático.

Dependendo do número de casas vazias (ou argumentos = As) exigido pelo significado de um item lexical, podemos ter itens avalentes (VØ), como é o caso de *cachorro*, ou ter itens de valências um, dois...n, como é o caso de *filho* que tem valência um (V1). Nesses termos, uma gramática de valência só atinge as palavras lexicais – nomes, verbos, adjetivos e alguns advérbios.

Para Borba (1996), a gramática de valências aplica-se também àquelas relações intrafrasais que, mesmo não fazendo parte da matriz valencial, elas são necessárias para que os fatos de valência sejam mais bem compreendidos.

3 METODOLOGIA

O léxico é um dos componentes da língua mais heterogêneos por ser muito vulnerável a pressões internas e externas, em vários sentidos. Desse modo, por questões metodológicas, optamos por observar, no primeiro momento, cada verbo a ser analisado, como os dicionários de Borba *et al.* (DUP) e o Michaelis *online* os registram. A escolha dos dois dicionários se justifica por dois motivos: (i) O dicionário de Borba *et al.* tem acervos de palavras recolhidas em textos que realmente circulam na sociedade e sua metodologia privilegia a função de interação social da linguagem, uma vez que foram observadas as palavras que circulam na língua escrita no Brasil a partir de 1950. O Michaelis é um dicionário como tantos outros monolíngues, que circulam no país, cujos acervos de

palavras recolhidas ao longo dos anos não se constituíram obrigatoriamente a partir do uso efetivo da língua. (ii) O DUP é um dicionário de contextos de uso da língua escrita que contém um embasamento gramatical para sua descrição sintático-semântica, integrando, nessa perspectiva, gramática e dicionário.

O *corpus* selecionado constitui-se de textos de circulação social e o levantamento dos dados foi realizado a partir da utilização de ferramentas de pesquisa *online*. A análise e, posteriormente, a descrição dos verbos *adotar*, *adquirir*, *comprar*, *emprestar*, *ganhar*, *receber* e *vender* serão feitas a partir da observação do verbo como elemento central na ambiência linguística em que verificaremos noções de transitividade, de valências etc.

4 ANÁLISE DO CORPUS

O *corpus* é constituído de textos escritos que constam da Revista Veja, coletados do *site* eletrônico da própria revista e de outros textos disponíveis em meio eletrônico. Os verbos pesquisados e descritos foram: *adotar*, *adquirir*, *comprar*, *emprestar*, *ganhar*, *receber* e *vender*, codificadores de posse. No entanto, em função do espaço de que dispomos, apresentaremos apenas a análise dos verbos *adotar*, *comprar* e *emprestar*.

Verbo ADOTAR

Exemplo 1

Campanha Adote um animal abandonado: Nos Centros de Zoonose de todo o Brasil, os bichos apreendidos ficam alguns dias à espera de um de seus donos ou de alguém que queira adotá-los. Depois disso, são sacrificados. Ao adotar um animal abandonado, você ganha um amigo e salva uma vida. Disponível em: <http://www.circulosagrado.com/cs/campanha/adote.php>. Acesso em: 21 de jul de 2011.

Exemplo 2

O único filho do casal, Horácio Júnior, morreu em 1966, aos 26 anos, em um acidente de carro. O casal, então, **adotou** outro menino, João Baptista. (Revista Veja, p. 39, Edição 2199, 12/01/2011 – grifo nosso).

A expressão **adotar um animal** (*cão, gato, etc*) apresenta a mesma distribuição de **adotar uma criança** (*um menino ou uma menina*). (Ana adotou uma menina/um menino > Ana a/o adotou / Uma menina/um menino foi adotada(o) por Ana; Maria adotou um cão/um gato > Maria o adotou / Um cão/um gato foi adotado). No entanto, do ponto de vista semântico e pragmático há diferenças. Nos dois exemplos o verbo *adotar* seleciona um sujeito agente, [+hum], porém os complementos são: [-hum], no exemplo 1 (um animal abandonado), e [+hum], no exemplo 2, (outro menino). No que tange aos parâmetros preconizados por Hopper e Thompson (1980), há: dois participantes, chinês, verbo perfectivo e pontual, sujeito agente e intencional, modalidade *realis*, polaridade afirmativa, objeto afetado e individuado, apresentando uma oração altamente transitiva.

MATRIZ do verbo ADOTAR com complemento:

[-hum] ou [+hum]

X ADOTA Y

X = Sujeito [+hum]; papel temático: agente
Adotar = ação-processo (sentido “aceitar [alguém] como filho, concedendo-lhes direitos; legitimar como filho, perfiar”)

Y = complemento - Obj. direto [-hum] / [+hum]

Verbo COMPRAR

Exemplo 1

Na terça-feira passada, a Hypermarcas demitiu cerca de 90 funcionários dos 200 da área administrativa da Mantercop, laboratório farmacêutico que o grupo **comprou** três meses atrás. (Revista Veja, p. 57, Edição 2209, 23/03/2011).

Exemplo 2

O empresário Joaquim Constantino, da Gol, **comprou** um apartamento de cinco suítes em Paris, nas imediações do Champs Élysées. Um ex-acessor seu confessou que foi usado por ele como laranja na compra de outro canal televisivo em Roraima. (Revista Veja, p. 57, Edição 2212, 13/04/2011).

A expressão **comprar laboratório farmacêutico / um apartamento de cinco suítes** apresenta a mesma distribuição, a mesma matriz e o mesmo sentido de “obter por dinheiro”. O verbo **comprar** seleciona um sujeito agente e um complemento concreto. Quanto aos parâmetros de transitividade, observamos nos dois exemplos: chinês, verbo perfectivo e pontual, sujeito agente e intencional, modalidade *realis*, polaridade afirmativa, objeto individuado. Logo, a oração apresenta transitividade alta.

Verbo EMPRESTAR

Exemplo 1

Tanto que, seis meses depois de seu casamento, a rainha **emprestou** a tiara Delhi Durbar para que Camilla a usasse em um jantar oferecido aos reis da Noruega. Todo mundo, claro, falou mal dela de novo. (Revista Veja, p.104, Edição 2213, 20/04/2011).

Exemplo 2

Nunca assinei nada. Nunca me pediram autorização e jamais **emprestei** documentos. (Fala de Dayvini Costa Nunes, acusado de ser laranja de Palocci, Revista Veja, p. 72, Edição 2220, 08/06/2011).

A expressão **emprestar a tiara Delhi Durbar / documentos** apresenta a mesma matriz e o mesmo sentido de “ceder provisoriamente”. O verbo **emprestar** seleciona um sujeito agente e dois complementos, um [+conc] e um introduzido [+hum] pela preposição *para*. Quanto aos parâmetros de transitividade, observamos no primeiro exemplo: chinês, verbo perfectivo e pontual, sujeito agente e intencional, modalidade *realis*, polaridade afirmativa,

objeto individuado. Já no segundo exemplo há: chinês, verbo perfectivo e pontual, sujeito agente e intencional, modalidade *realis*, objeto individuado. Ambas as orações apresentam Transitividade Alta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise e a descrição dos verbos: *adotar, adquirir, comprar, emprestar, ganhar, receber e vender*, nos textos escritos e disponíveis em meio eletrônico, permitiu-nos observar que o falante conta com muitas possibilidades de se manifestar discursivamente. Nessa perspectiva, parecemos pouco produtivo trabalhar com a transitividade de verbos de modo geral, e, em particular, com os verbos aqui analisados, concebendo a transitividade como fenômeno passível de ser mensurado em frases isoladas, uma vez que é exatamente no uso da língua que, dependendo da intenção que o falante tem é que se podem apagar elementos que são facilmente recuperáveis no contexto. Por exemplo, se pensarmos na matriz do verbo *receber*: X [Suj Hum: *craque* = Neymar] **receber** “passar a ter como paga ou recompensa” Y [complemento indicativo de **valor**: OD = 1 milhão] de Z (compl OI: Nike) no excerto a seguir: *A Nike renovou seu contrato de patrocínio com Neymar até 2012. O craque vai receber 1 milhão por ano, no mínimo. Se o seu desempenho for bom o valor subirá (Revista Veja, p. 53, Ed. 2208, 16/03/2011), constataremos que o Objeto Indireto do verbo receber não se realiza como prevêem as gramáticas tradicionais.*

Os verbos *adotar, adquirir, comprar, emprestar, ganhar, receber e vender*, no *corpus* analisado, apresentaram-se com dois argumentos, evidenciando, dessa forma, que as orações são transitivas prototípicas. No entanto, como afirmam Furtado da Cunha e Souza (2007), no uso diário da língua, muitas orações podem não apresentar situações prototípicas (Ex.: *Joana está comendo e Pedro estuda*). Para as autoras, o uso intransitivo desses verbos se dá em função da irrelevância comunicativa dos SNs apagados, já que nos exemplos a ação que é enfatizada.

Por se tratar do estudo dos verbos em textos escritos dentro do domínio discursivo jornalístico, em gêneros textuais diversos, acreditamos que por isso se deu a presença dos dois SNs na maioria das ocorrências observadas, uma vez que, pela natureza das notícias, os argumentos dos verbos em questão se mostraram importantes para a precisão e a verdade do que se pretendeu veicular. O exemplo 2 do verbo *adotar* ratifica isso: *O casal, então, adotou outro menino, João Baptista*, pois além de o verbo *adotar* ocorrer com os dois argumentos, a saber: *o casal* (SN Suj Hum Ag Intencional) e *o outro menino* (SN OD Hum), há um aposto: *outro menino = João Baptista*, o que legitima nossa observação anterior.

Não foi nossa intenção aqui esgotar o assunto não só pela complexidade que o envolve, nem mesmo pelo espaço de que dispomos, mas, sobretudo, porque o fenômeno da transitividade ainda é um fantasma a nos rondar. Por isso, pretendemos ainda travar mais discussões e quem sabe até mais profunda do que a que aqui se instaurou.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato Miguel. Classes de palavras e processos de construção. 3. O verbo. In: NEVES, Maria Helena de Moura; ILARI, Rodolfo

(Orgs.). *Gramática do Português Falado Culto no Brasil*. V. II Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008, p. 163-365.

- [2] GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1995.
- [3] HOPPER, P.; THOMPSON, S. A. *Transitivity in grammar and discourse*. *Language*, 56(2): 251-299, 1980.
- [4] THOMPSON; S. A.; HOPPER, P. J. Transitivity, clause structure, and argument structure: evidence from conversation. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. *Frequency and emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001. p. 27-60.
- [5] BORBA, F. S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo, Ática, 1996.
- [6] DU BOIS, J. Competing Motivations. In: HAIMAN, J. (ed.) *Iconicity in Syntax*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1985.
- [7] BOLINGER, D. *The form of language*. London: Logmans, 1977.
- [8] HOPPER, P. Emergent grammar. *Berkeley Linguistics Society* 13: 139-157, 1987.
- [9] FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- [10] CROFT, W. *Syntactic Categories and Grammatical Relations: The Cognitive Organization of Information*. Chicago: University of Chicago Press. University of Chicago Press, 1991.
- [11] FURTADO DA CUNHA, M. A. Estrutura argumental e valência: a relação gramatical objeto direto. *Gragoatá*. Niterói: EdUFF, n. 21, p 115-131, 2. sem. 2006.
- [12] TESNIÈRE, L. *Éléments de syntaxe structurale*. Paris: Klincksiek, 1969.
- [13] BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2001.
- [14] Dicionário Michaelis online. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 7 jul. 2011